



O Presidente russo Vladimir Putin e o Gen Ex Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Federação Russa, observam exercícios militares, 17 Jul 13, nos arredores do Lago Baikal na Rússia. Foram as maiores manobras militares desde a época soviética, envolvendo cerca de 160 mil militares e 5 mil carros de combate através da Sibéria e do extremo oriente da Rússia.

(Associated Press, RIA Novosti, Alexei Nikolsky, do Serviço de Imprensa Presidencial Russo)

O Valor da Ciência está na Previsão

Novos Desafios Exigem Repensar as Formas e Métodos de Conduzir as Operações de Combate

Gen Ex Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior Geral das
Forças Armadas da Federação Russa

Artigo publicado, originalmente, em Military-Industrial Kurier, em 27 Fev 13¹. Versão em inglês de Robert Coalson, editor, Central News, Radio Free Europe/Radio Liberty, 21 Jun 14.

A inclusão deste artigo tem como objetivo familiarizar os leitores da Military Review com as perspectivas do alto-comando da Rússia quanto ao tema da guerra do futuro, não devendo ser interpretada como um esforço em promover suas opiniões.

No século XXI, vemos uma tendência ao obscurecimento da linha divisória entre os estados de guerra e de paz. As guerras já não são mais declaradas e, uma vez iniciadas, prosseguem segundo um padrão desconhecido.

A experiência de conflitos militares — incluindo os relacionados às chamadas “revoluções coloridas” no norte da África e no Oriente Médio — comprova que um Estado perfeitamente próspero pode, em uma questão de meses ou até mesmo dias, transformar-se em uma área de violento conflito armado, ser vítima de uma intervenção estrangeira e mergulhar em um ambiente de caos, desastre humanitário e guerra civil².

As Lições da Primavera Árabe

Evidentemente, seria bem mais fácil dizer que os acontecimentos da “Primavera Árabe” não constituem guerra e, portanto, não contêm lições para nós, militares. Contudo, talvez o oposto seja verdade: que esses são, precisamente, os eventos típicos da guerra no século XXI.

Em termos da escala de baixas e destruição, dos desastrosos efeitos sociais, econômicos e políticos, esses novos tipos de conflito são comparáveis às consequências de qualquer guerra real.

As próprias “regras da guerra” mudaram. O papel de meios não militares na consecução de objetivos políticos e estratégicos cresceu, tendo, em muitos casos, ultrapassado, o poder da força das armas em termos de sua eficácia [veja a figura 1].

O foco dos métodos aplicados de conflito mudou em direção ao amplo uso de medidas políticas, econômicas, informacionais, humanitárias e outras medidas não militares — empregadas em coordenação com o potencial de protesto da população.

Tudo isso é complementado por meios militares de caráter oculto, incluindo a condução de ações de conflito informacional e das forças de operações especiais. Só se recorre ao emprego aberto de forças — muitas vezes sob o pretexto de manutenção da paz e regulação de crise — em um certo estágio, primordialmente para a obtenção do êxito final no conflito.

Isso suscita questões lógicas: “O que é a guerra moderna?” “Para que o exército deve se preparar?” “Como deve ser armado?” Somente após respondermos a essas perguntas, poderemos definir os rumos da construção e desenvolvimento das forças armadas no longo prazo.

Para tanto, é essencial ter um claro entendimento das formas e métodos do emprego da força.

Atualmente, além dos dispositivos tradicionais, estão sendo desenvolvidos dispositivos não tradicionais. O papel de grupos móveis e mistos

de forças, atuando em um único espaço de Inteligência-informações devido ao uso das novas possibilidades de sistemas de comando e controle, foi fortalecido. As ações militares vêm se tornando mais dinâmicas, ativas e produtivas. Pausas táticas e operacionais que pudessem ser exploradas pelo inimigo estão desaparecendo, sendo que as novas tecnologias da informação possibilitaram reduções significativas das lacunas espaciais, temporais e informacionais entre forças e órgãos de controle. Os engajamentos frontais entre grandes formações de forças nos níveis estratégico e operacional vêm sendo, gradativamente, relegados ao passado. Ações a longa distância e sem contato contra o inimigo vêm se tornando o principal meio de cumprir os objetivos operacionais e de combate. A derrota dos objetivos do inimigo é conduzida em toda a profundidade de seu território e as diferenças entre níveis estratégico, operacional e tático e entre as operações ofensivas e defensivas estão sendo eliminadas. O emprego de armas de alta precisão vem adquirindo um caráter “em massa”

O papel de meios não militares na consecução de objetivos políticos e estratégicos cresceu, tendo, em muitos casos, ultrapassado, o poder da força das armas em termos de sua eficácia.

Mudança no Caráter da Guerra

Cumprimento dos Objetivos Políticos

O emprego de forças militares

Formas e métodos tradicionais

- início das operações militares *após desdobramento estratégico*
- *choque frontal de grandes agrupamentos de unidades combatentes*, baseadas em tropas terrestres
- destruição de efetivos e armas e *consequente posse de linhas* e áreas com o objetivo de obtenção de territórios
- *destruição do inimigo*, destruição do potencial econômico e posse de seus territórios
- condução de operações de combate em terra, ar e mar
- comando e controle de agrupamentos de unidades combatentes (forças) *dentro de uma estrutura hierárquica estritamente organizada* de agências de comando e controle

O emprego de medidas políticas, diplomáticas, econômicas e outras medidas não militares, aliado ao uso de forças militares

Formas e métodos novos

- *início de operações militares* por agrupamentos de unidades combatentes (forças) em tempo de paz
- operações de combate *sem contato e de alta maneabilidade* de agrupamentos de unidades combatentes conjuntas
- redução do potencial militar econômico do Estado pela *destruição de instalações essenciais* de sua infraestrutura militar e civil em um curto período
- *emprego maciço de armas de alta precisão*, uso em larga escala de *forças de operações especiais*, assim como *sistemas robóticos e armas baseadas em novos princípios físicos* e a participação de um *componente civil-militar* nas operações de combate
- *efeitos simultâneos* nas unidades combatentes e instalações inimigas em toda a profundidade de seus territórios
- combate simultâneo *em todos os ambientes físicos e no espaço de informações*
- uso de operações assimétricas e indiretas
- comando e controle de forças e meios *em um espaço de informações unificado*

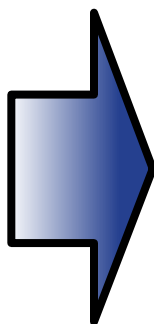


Figura 1 – Gráfico extraído do artigo do Gen Gerasimov na publicação *Voyenno-Promyshlennyy Kurier*, 26 Fev 13 [tradução a partir da versão em inglês de Charles Bartles]

e armas baseadas em novos princípios físicos e sistemas automatizados estão sendo ativamente incorporados em atividades militares.

O emprego de ações assimétricas foi amplamente difundido, possibilitando a neutralização das vantagens de um inimigo em conflitos armados. Entre tais ações estão o uso de forças de operações especiais e da oposição interna para criar uma frente em operação permanente em todo o território do Estado inimigo e

ações, dispositivos e meios informacionais em contínuo aperfeiçoamento.

Essas mudanças em curso se refletem nas visões doutrinárias dos Estados líderes no mundo e estão sendo utilizadas em conflitos militares.

Já em 1991, durante a Operação *Desert Storm*, no Iraque, as Forças Armadas dos Estados Unidos da América (EUA) realizaram o conceito de “alcance global, poder global” e “operações aeroterrestres”. Em

2003, durante a Operação *Iraqi Freedom*, as operações militares foram conduzidas segundo a chamada Visão Conjunta 2020.

Hoje, foram desenvolvidos os conceitos de “ataque global” e “defesa antimísseis global”, que preveem a derrota dos objetivos e forças do inimigo em uma questão de horas a partir de qualquer ponto no mundo praticamente, ao mesmo tempo que se previnem danos inaceitáveis advindos de um contra-ataque inimigo. Os EUA também estão implementando os princípios da doutrina de integração global de operações, que visa a criar — em um prazo bastante curto — grupos mistos e extremamente móveis de forças.

Em conflitos recentes, apareceram novos meios de conduzir operações militares que não podem ser considerados puramente militares. Um exemplo disso é a operação na Líbia, que incluiu a criação de uma zona de exclusão aérea, a imposição de um bloqueio marítimo e o amplo emprego de empresas militares privadas em uma interação próxima com as formações armadas da oposição.

Devemos reconhecer que, embora entendamos a essência das ações militares tradicionais conduzidas por forças armadas regulares, temos apenas uma compreensão superficial das formas e meios assimétricos. Nesse sentido, a importância da ciência militar, que deve criar uma teoria abrangente para essas ações, vem crescendo. O trabalho e a pesquisa da Academia de Ciências Militares podem ajudar nesse aspecto.

As Tarefas da Ciência Militar

Em uma discussão sobre as formas e meios de conflito militar, não podemos nos esquecer de nossa própria experiência. Refiro-me ao uso de unidades de guerrilha durante a Grande Guerra Patriótica e ao combate contra formações irregulares no Afeganistão e no norte do Cáucaso.

Cabe enfatizar que, durante a Guerra do Afeganistão, foram desenvolvidos formas e meios específicos de conduzir as operações militares. Em seu âmago, estavam a velocidade, movimentos rápidos, o emprego inteligente de paraquedistas táticos e forças envolventes, os quais, juntos, possibilitaram a interrupção dos planos do inimigo, causando-lhe perdas significativas.

Outro fator que influencia a essência dos atuais meios dos conflitos armados é o emprego dos modernos

complexos automatizados de equipamentos militares e a pesquisa na área de inteligência artificial. Enquanto, atualmente, temos veículos aéreos não tripulados, os campos de batalha do futuro estarão repletos de robôs que andam, rastejam, saltam e voam. No futuro próximo, é possível que se crie uma unidade totalmente robotizada, capaz de conduzir operações militares de maneira independente.

Como vamos combater nessas condições? Que formas e meios devem ser utilizados contra um inimigo robotizado? Que tipos de robô necessitamos e como podem ser desenvolvidos? Nossas mentes militares já precisam pensar nessas questões agora.

A problemática mais importante, que requer intensa atenção, está relacionada ao aperfeiçoamento das formas e meios de empregar grupos de forças. É necessário repensar o conteúdo das atividades estratégicas das Forças Armadas da Federação Russa. Já vêm surgindo perguntas. É necessário tal número de operações estratégicas? De quais e de quantas delas precisaremos no futuro? Até agora, não há respostas.

Existem, também, outros problemas, que encontramos em nossas atividades diárias.

Atualmente, estamos na fase final da formação de um sistema de defesa aeroespacial (*Voyska Vozdushno-Kosmicheskoy Oborony* — VKO). Por isso, a questão do desenvolvimento de formas e meios de ação utilizando forças e ferramentas do VKO se tornou uma realidade e o Estado-Maior Geral já está trabalhando nisso. Proponho que a Academia de Ciências Militares também participe ativamente.

O espaço de informações gera amplas possibilidades assimétricas para a redução do potencial de combate do inimigo. No norte da África, assistimos ao emprego de tecnologias para influenciar estruturas estatais e a população com a ajuda de redes de informações. É necessário aprimorar as atividades no espaço de informações, incluindo a defesa de nossos próprios objetivos.

A operação para impor a paz à Geórgia expôs a inexistência de abordagens unificadas para o emprego de formações das Forças Armadas fora da Federação Russa. O ataque contra o consulado norte-americano na cidade de Benghazi, na Líbia, em setembro de 2012; o acionamento de atividades de pirataria; a recente tomada de reféns na Argélia: tudo isso confirma a importância de se criar um sistema de defesa armada dos interesses do Estado além das fronteiras de seu território.

Embora as emendas à lei federal “Da Defesa” adotadas em 2009 permitam o emprego operacional das Forças Armadas da Rússia fora de suas fronteiras, as formas e meios de sua atividade não são definidos. Além disso, questões sobre como facilitar seu emprego operacional não foram resolvidas no âmbito interministerial. Isso inclui simplificar o procedimento para atravessar fronteiras estatais, o emprego do espaço aéreo e águas territoriais de Estados estrangeiros, os procedimentos para interagir com as autoridades do Estado de destino, etc.

É necessário coordenar o trabalho conjunto das organizações de pesquisa dos ministérios e órgãos relevantes em relação a essas questões.

Uma das formas de emprego da força militar fora do país é a manutenção da paz. Além das tarefas tradicionais, sua atividade poderia incluir outras mais específicas, como tarefas especializadas, humanitárias, de resgate, de evacuação, de saneamento e de outro cunho. Por ora, sua classificação, essência e conteúdo não foram definidos.

Além disso, as complexas e variadas tarefas de manutenção da paz que as tropas regulares precisarão, possivelmente, conduzir presumem a criação de um sistema fundamentalmente novo para prepará-las. Afinal, a tarefa de uma força de manutenção da paz é desengajar as partes em conflito, proteger e salvar a população civil, cooperar na redução da potencial violência e restabelecer uma vida pacífica. Tudo isso exige preparo acadêmico [veja a figura 2].

Controle Territorial

Nos conflitos modernos, tem se tornado cada vez mais importante ser capaz de defender a própria população, objetivos e comunicações contra a atividade de forças de operações especiais, devido a seu crescente emprego. A resolução desse problema requer a organização e introdução da defesa territorial.

Antes de 2008, quando o exército, em tempo de guerra, somava mais de 4,5 milhões de homens, essas tarefas eram desempenhadas, exclusivamente, pelas forças armadas. Contudo, as condições mudaram. Hoje, combater forças terroristas e de reconhecimento diversionárias é algo que só pode ser organizado mediante o complexo envolvimento de todas as forças de segurança e de manutenção da ordem pública do país.

O Estado-Maior Geral deu início a esse trabalho. Baseia-se em definir as abordagens quanto à organização da defesa territorial refletidas nas mudanças

efetuadas na lei federal “Da Defesa”. Desde a adoção de tal lei, faz-se necessário definir o sistema de gestão da defesa territorial e aplicar, legalmente, o papel e lugar de outras forças, formações militares e órgãos das estruturas estatais nesse sistema.

Precisamos de recomendações bem fundamentadas sobre o emprego de forças e meios interagências para a realização da defesa territorial; métodos para combater as forças terroristas e diversionárias do inimigo nas modernas condições.

A experiência de conduzir operações militares no Afeganistão e no Iraque demonstrou a necessidade de detalhar — junto aos órgãos de pesquisa de outros ministérios e agências da Federação Russa — o papel e o alcance da participação das forças armadas na regulação pós-conflito, definindo a prioridade das tarefas e os métodos para o acionamento das forças e estabelecendo os limites para o emprego da força armada.

O desenvolvimento de um aparato científico e metodológico para um processo decisório que leve em consideração o caráter variado dos agrupamentos (forças) militares é uma questão importante. É preciso pesquisar as capacidades integradas e o potencial combinado de todas as tropas e forças componentes desses agrupamentos. O problema, nesse caso, é que os modelos existentes de operações e conduta militar não apoiam isso. São necessários novos modelos.

As mudanças no caráter dos conflitos militares, o desenvolvimento dos meios de combate armado e das formas e métodos de empregá-los, criaram novas demandas para sistemas de apoio multifacetados. Essa é mais uma direção para a atividade acadêmica que não deve ser ignorada.

Não se Pode Gerar Ideias “Sob Comando”

O estado da ciência militar russa na atualidade não pode ser comparado com o florescimento do pensamento teórico militar em nosso país às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Evidentemente, existem razões objetivas e subjetivas para isso, e não se pode culpar ninguém em particular por isso. Não fui eu quem disse que não é possível gerar ideias instantaneamente, “sob comando”.

Concordo com essa assertiva, mas também preciso reconhecer uma outra coisa: na época, não havia indivíduos com diplomas de pós-graduação nem

O Papel de Métodos Não Militares na Resolução de Conflitos entre Estados

As principais fases de desenvolvimento do conflito

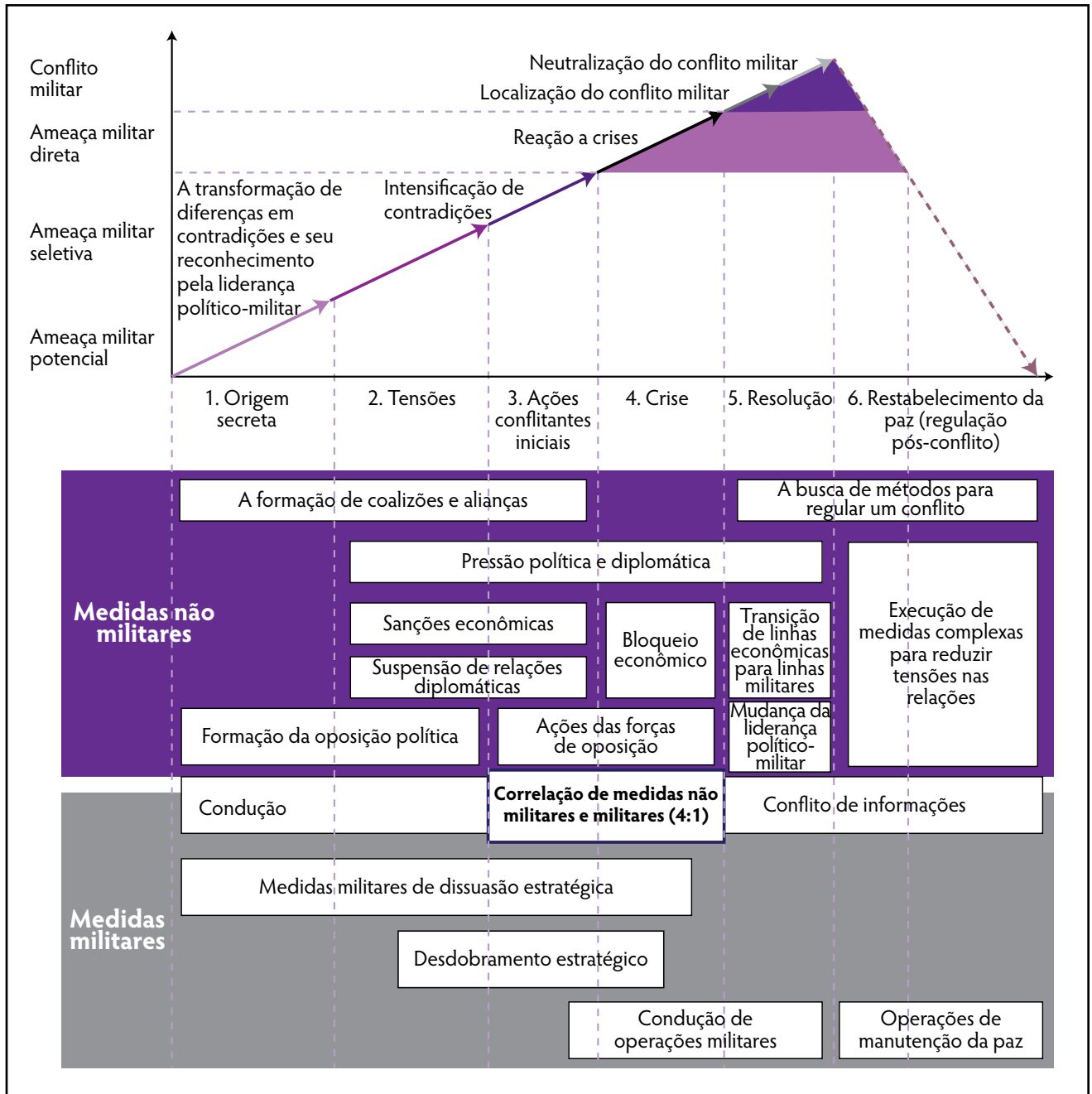


Figura 2 – Gráfico extraído do artigo do Gen Ex Gerasimov na publicação *Voyenno-Promyshlenny Kurier*, 26 Feb 13 [tradução a partir da versão em inglês de Charles Bartles]

instituições ou departamentos acadêmicos. Havia personalidades extraordinárias, com ideias brilhantes. Eu as chamaria de fanáticas no melhor sentido da palavra. Talvez simplesmente não tenhamos

suficientes pessoas como elas hoje em dia.

Pessoas como, por exemplo, Georgy Isserson, que, apesar das opiniões que formou nos anos pré-guerra, publicou o livro “Novas Formas de Combate”. Nele,



Manifestantes lançam coquetéis molotov na direção das posições das tropas, durante os protestos “Euromaidan” (Praça Euro) na Rua Dynamivska, em Kiev, na Ucrânia, 19 Jan 14. Os protestos levaram à remoção do Presidente ucraniano Viktor Yanukovych e seu governo pró-Rússia, em 23 Fev 14.

(Mstyslav Chernov, Unframe)

esse teórico militar soviético previu: “A guerra em geral não é declarada. Começa, simplesmente, com forças militares já desenvolvidas. A mobilização e a concentração não fazem parte do período após o início do estado de guerra, como foi o caso em 1914; ocorrem, despercebidas, muito antes disso”. O destino desse “profeta da pátria” se desenrolou de maneira trágica. Nosso país pagou em grandes quantidades de sangue por não escutar as conclusões desse professor da Academia do Estado-Maior Geral.

Que podemos concluir de tudo isso? Uma atitude desdenhosa em relação a novas ideias, a abordagens não tradicionais e a pontos de vistas diferentes é inaceitável na ciência militar. E é ainda mais inaceitável que seus praticantes tenham essa atitude em relação à ciência.

Para concluir, gostaria de dizer que, independentemente das forças que o inimigo tiver, do grau de desenvolvimento de suas forças e meios de conflito armado, é possível encontrar formas e métodos para

sobrepujá-los. O inimigo sempre terá vulnerabilidades, e isso significa que existem meios adequados para opor-se a ele.

Não devemos copiar a experiência estrangeira nem correr atrás de países líderes, e sim ultrapassá-los e ocupar, nós mesmos, posições de liderança. É aqui que a ciência militar assume um papel crucial. O ilustre estudioso militar soviético Aleksandr Svechin afirmou: “É extraordinariamente difícil prever as condições da guerra. Para cada guerra, é preciso elaborar uma linha particular para sua condução estratégica. Cada guerra é um caso singular, que demanda o estabelecimento de uma lógica particular, e não a aplicação de algum modelo”.

Essa abordagem continua certa. Cada guerra se apresenta como um caso único, que exige a compreensão de sua lógica particular, seu caráter singular. É por isso que é tão difícil prever o caráter de uma guerra na qual a Rússia ou seus aliados possam se envolver. Entretanto,

precisamos prevê-lo. Quaisquer pronunciamentos acadêmicos na ciência militar serão inúteis, caso a teoria militar não esteja apoiada na função da previsão.

Para lidar com os diversos problemas diante da ciência militar atualmente, o Estado-Maior Geral conta com o apoio da Academia de Ciências

Militares, que concentra os principais acadêmicos militares e a maioria dos especialistas respeitados.

Estou certo de que os fortes laços entre a Academia de Ciências Militares e o Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Federação Russa serão ampliados e aperfeiçoados no futuro. ■

O General de Exército Valery Gerasimov é o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Federação Russa e Vice-Ministro de Defesa. Coursou a Escola Militar Superior (Carros de Combate) de Kazan, a Academia Militar de Forças Blindadas Malinovsky e a Academia Militar do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Rússia. Serviu em várias funções de comando e estado-maior antes da atual designação, incluindo o comando do 58º Exército durante as operações de combate na Tchetchênia.

Referências

1. Valery Gerasimov, "The Value of Science Is in the Foresight: New Challenges Demand Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations", trans. Robert Coalson, *Military-Industrial Kurier*, 27 Feb. 2013, acesso em 27 out. 2015, <http://www.theatlantic.com/education/archives/2015/10/complex-academic-writing/412255/>. [Versão em

inglês por Robert Coalson — N. do T.]

2. O termo "revoluções coloridas" se refere às cores vibrantes utilizadas como símbolos de rebelião por grupos de protesto que empregam a desobediência civil geralmente não violenta como meio de derrubar um governo opressor.